



SEÇÃO: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO DE AUTORIA FEMININA

“Corpo-História”: corporeidade e escritura em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo

“History-Body”: corporeality and writing in *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by Conceição Evaristo

“Cuerpo-Historia”: Corporeidad y escritura en *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo

**Amanda da Silva
Oliveira¹**

orcid.org/0000-0003-3793-1450
amanda.oliveira@ufsm.br

“Timida, porém determinada, foi logo dizendo que precisava me contar algo de sua vida. Viera para me oferecer o seu corpo/história”.

(Conceição Evaristo)

Maria Eunice Moreira²

orcid.org/0000-0003-1019-8519
maria.eunice@pucrs.br

Resumo: Na linha da crítica feminista, este artigo enfoca a temática do corpo negro tomando por referência a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. Os contos que compõem esse volume, todos eles intitulados pelo nome de uma mulher, abordam temas que se referem ao corpo feminino e sua violação, quer seja pelo marido, pelo pai ou pelo parceiro, quer sejam elas mulheres jovens, maduras ou velhas. O objetivo do artigo é analisar as temáticas de corpo e de escritura, a partir das vivências-contos das mulheres-título, com base nas reflexões teóricas de Euridice Figueiredo, Nilma Lindo Gomes, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins. Ao relacionar ambas as temáticas, entendemos que o corpo da experiência vivida se transforma em matéria de narração, num processo de identificação e de autodefinição da mulher negra.

Palavras-chave: Feminismo. Corpo. História.

Abstract: In line with feminist criticism, this article focuses on the theme of the black body taking as reference the work *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by Conceição Evaristo. The short stories that make up this volume, all of them entitled by the name of a woman, deal with themes that refer to the female body and its violation, whether by the husband, the father or the partner, whether they are young, mature or old women. The objective of the article is to analyze the thematic of body and writing, from the experiences-stories of the female main characters, supported by theoretical texts of Euridice Figueiredo, Nilma Lindo Gomes, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro and Patricia Hill Collins. When relating both issues, we understand that the body of the lived experience becomes a matter of narration, in a process of identification and self-definition of black women.

Keywords: Feminism. Body. History.

Resumen: En la perspectiva de la crítica feminista, este artículo aborda la temática del cuerpo negro en la obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. Los cuentos que componen ese volumen, todos titulados por nombre de una mujer, presentan temas que se refieren al cuerpo femenino y su violación, por el marido, por el padre o por el compañero, en mujeres jóvenes, maduras o ancianas. El objetivo del artículo es analizar las temáticas de cuerpo y de escritura, a partir de las vivencias-cuentos de las mujeres-título, con base en las reflexiones teóricas de Euridice Figueiredo, Nilma Lindo Gomes, Beatriz Nascimento, Sueli



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Carneiro y Patricia Hill Collins. Al relacionar ambas temáticas, entendemos que el cuerpo de la experiencia vivida se transforma en materia de narración, en un proceso de identificación y de autodefinition de la mujer negra.

Palabras clave: Feminismo. Cuerpo. Historia.

Introdução

Insubmissas lágrimas de mulheres, livro comemorativo aos setenta anos da agora consagrada escritora Conceição Evaristo, publicado em 2016, pela Editora Malê, do Rio de Janeiro, reúne um conjunto de treze contos, todos intitulados por nome de mulher. Nas histórias, é possível sentir a aliança e a sororidade que emerge entre elas, geralmente mulheres negras, protagonistas preferenciais desses relatos. Os relatos abordam temas fortes e candentes, resultado de experiências marcantes em suas peles e em seus corpos. Shirley Paixão, Natalina Soledade, Líbia Moirã, Aramides Florença, algumas dessas personagens contam a uma ouvinte que visita cidades à procura de história a história de suas vidas. Desse caleidoscópio feminino, essa ouvinte, que depois se transforma na narradora dos relatos, encontra-se com várias mulheres que lhes falam de estupro, rejeição do marido, maus tratos do pai, abandono pelo companheiro, enfim, histórias de conflitos e problemas que envolvem variadas figuras masculinas que fizeram parte de suas vidas. São experiências passadas, mas todas deixaram sua marca, embora a resignação não encontre espaço nessas vivências. Como uma espécie de álbum de relatos, cada conto tem sua voz própria, mas acontece também que a narradora, ao organizá-los, às vezes entrelaça as histórias e presentifica o já ouvido na história de outra. Afinal, quando toma a palavra e conta, não é o que realmente aconteceu que vem à tona: ela interfere, retirando e acrescentando fatos e/ou sentimentos, de modo que a história não é só dela, mas se confunde com as suas, misturando o vivido com o inventado. Essa é a essência da narração: o real subjugando-se à invenção, à criação, e não se sabe o que de fato aconteceu, porque alguma coisa se perde entre a experiência passada e a narrativa presente.

Assim, nosso objetivo é analisar as temáticas de corpo e de escritura, a partir das vivências-

-contos das mulheres-título, com base nas reflexões teóricas de Euridice Figueiredo, Nilma Lindo Gomes, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins. Desse modo, o corpo da experiência vivida se transforma na matéria da narração e são esses elementos – corpo e escritura – que abordaremos neste artigo.

Corpo

De modo geral para a sociedade, o corpo da mulher é significativo e por ele se definem comportamentos e limites, estabelecendo muitas das regras e condutas, especialmente as morais, que vigem em um determinado grupo social. A sociedade privilegia um número de atributos e padrões que se valem do corpo da mulher para reger o aceitável e o não aceitável, ou seja, o corpo expressa uma "materialidade polissêmica", segundo Carmem Soares (2006, p. 3), invadindo lugares e espaços, de modo que se pode dizer que o corpo da mulher apresenta múltiplos significados e sentidos. Euridice Figueiredo, citando Rita T. Schmidt, esclarece que a questão do corpo "vem ao encontro do entendimento de identidade como algo incompleto e sempre em transformação" (FIGUEIREDO, 2020, p. 309).

Quando se trata da mulher negra, o corpo e seus atributos têm um sentido diferente, porquanto associado à sensualidade, à voluptuosidade e à sexualidade. Em seu livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, Nilma Lindo Gomes estabelece uma profunda reflexão sobre corpo e cabelo, mostrando como esses elementos podem se tornar suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Para essa estudiosa, além de sua especificidade biológica, ou mesmo em suas funções meramente fisiológicas, o corpo está situado em um "terreno social e subjetivamente conflitivo" (GOMES, 2019, p. 250). Ao longo da história, segundo ela, o corpo se tornou "emblema étnico" (GOMES, 2019, p. 250), podendo ser explorado e manipulado nas relações de poder. É o corpo que marca a assimetria social, classificando, hierarquizando e estabelecendo grupos diferentes.

Quando trata do corpo negro, no espaço particular do Brasil, essas relações tomam outro

sentido, pois sabe-se que ele foi um dos sinais que marcaram a diferença entre as classes. Ser branco era ser mandante, ser negro era ser subjugado. No caso brasileiro, a referência negra de um sujeito definia sua posição na escala social. Sobre esse corpo, agiram a violência física e simbólica: pela primeira, os negros sofriam na própria carne os castigos impostos pelos dominadores. Eram esses mesmos que cerceavam os movimentos dos negros, limitando sua movimentação, seus gestos e seus comportamentos. Pela violência simbólica, apagaram sua cultura, suas crenças e seu idioma. Para o senhor branco, o negro era sempre analfabeto e inculto, pois não compartia com a instrução que desfrutara o colonizador.

Para a mesma estudiosa, o corpo é tomado na acepção que lhe concedeu o filósofo Merleau-Ponty, pela qual "o corpo humano é da ordem fenomenal e como tal não pode ser redutível ao campo do acontecimento físico" (GOMES, 2019, p. 250). Para além do corpo físico, é necessário entendê-lo como relativo ao campo fisiológico, mas também ao campo do comportamento simbólico. Sensações, pressões, julgamentos, emoções e outros sentidos unem-se às questões biológicas e fisiológicas e esse emaranhado constitui uma estrutura, uma unidade, que se reconhece como a "forma do corpo" (GOMES, 2019, p. 251). Esclarece a pesquisadora:

Assim, visto como um campo fenomenal, podemos também compreender o corpo para além de suas ações puramente fisiológicas, aproximando-nos das suas relações de sentido e de significação. Ele se manifesta, então, pelo movimento ou comportamento, o qual se realiza numa ação que se projeta para fora dela mesma, em direção ao outro, ao mundo, nos limites da percepção e do trabalho (GOMES, 2019, p. 251).

E, por fim, ajunta: "o sujeito, por meio do corpo, expressa algo e realiza uma ação determinada" (GOMES, 2019, p. 251).

Se o corpo, portanto, carrega múltiplos sentidos, a compreensão da simbologia do corpo negro, suas marcas identitárias, como cabelo e cor, suas marcas de violência, pelo abuso sofrido, podem servir para definir sua identidade na

sociedade, para definir o valor desse corpo nas relações sociais que se estabelecem, sejam elas entre grupos mais amplos ou entre segmentos, menores, como a família. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, são diversas as formas de agressão contra a mulher. Os relatos ali presentes tematizam diferentes tipos de violência e agressão, e aproximam-se das experiências verdadeiras de muitas mulheres: **Aramides Florença**,³ a mulher que tem um filho com seu companheiro, sofre rejeição e violência desse homem, que a estupra como vingança; **Natalina Soledad**, desde bebê rejeitada por ser a sétima e única filha mulher de um casal, não foi aceita pelo pai e nem acolhida pela mãe. Num gesto de desprezo, o pai a batizou de Troçoieia Malvina Silveira, nome que carregou até a troca para Natalina Soledad, anos mais tarde; **Shirley Paixão** é a mãe que, vendo a filha ser violentada pelo pai, num gesto de fúria, fere o marido na frente de duas outras filhas do casal. Responsável pela tentativa de assassinato, é presa e solta, algum tempo depois; **Adelha Santana Limoeiro**, casada com o mesmo homem há muito tempo, vê-se rejeitada por ele, que procura uma prostituta, passando mal durante a relação sexual com essa mulher; **Maria do Rosário Imaculada dos Santos** foi sequestrada de casa por um casal e, anos depois, desprezada pelos raptos, consegue reencontrar a família; **Isaltina Campo Belo**, a menina que se identificava como menino desde a infância, é estuprada pelo namorado que pretendia fazê-la sentir-se mulher. Mais tarde, encontra no amor de outra mulher a sua verdadeira identidade; **Mary Benedita**, a criança que sofre repressão paterna, foi acolhida por uma tia e tem seu potencial artístico desenvolvido, tornando-se uma pintora de sucesso; **Mirtes Aparecida da Luz** é a cega que tem uma filha, mas cujo companheiro suicida-se no dia do nascimento da criança, sem conhecer a bebê; **Líbia Moirã**, a menina que sonhava e gritava à noite, só entendeu o trauma que vivia quando passou por um processo de autoconhecimento; **Lia Gabriel**, a mulher que tem um filho

³ Ao longo do artigo nos utilizaremos do recurso gráfico negrito para destacar os nomes das personagens visando melhor fluidez de leitura.

esquizofrênico e vive as agruras da criação desse filho junto com outras duas filhas, sofre com as constantes agressões do marido; **Rose Dusreís**, a menina pobre que queria ser bailarina; **Saura Benevides Amarantino**, a mãe que tem aversão pela terceira filha; **Regina Anastácia**, a mais idosa desse elenco de mulheres, a transgressora que casou com o filho branco da casa grande, encontrando sua felicidade.

As agressões relatadas atingem essencialmente o corpo feminino: o estupro, a repulsa à maternidade, o sequestro, o aborto, a velhice, o lesbianismo, e o abandono familiar mostram que o corpo está no centro do universo feminino e é por ele que a mulher define sua identidade. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o estupro é um elemento presente em três dessas narrativas: em **Isaltina Campo Belo**, em **Shirley Paixão** e em **Aramides Florença**. Conto de abertura do volume, **Aramides Florença** relata a história de uma mulher, relativamente feliz com seu companheiro, até o nascimento do filho, quando o pai rejeita a criança e a mãe, motivado pela negligência ao casamento que atribui à mulher, ou seja, pela concorrência que estabelece com o filho. Num ato de profunda vingança, estupra a esposa, poucos dias após o parto. Antes, porém, desse último ato, o marido já a ferira com uma faca, que deixara na cama, e a queimara com um cigarro. O ciúme em relação ao filho e a incapacidade de compartilhar a mulher com a criança, uma vez que ele a perde "totalmente" após o nascimento, são as causas desse desajuste: "ele não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora..." (EVARISTO, [2020]). Em **Isaltina Campo Velho**, o namorado e seus amigos praticam um estupro coletivo porque querem dar uma lição à mulher lésbica. Trinta e cinco anos após o ocorrido, ela conta que ouvia a alegação dos homens: "Diziam eles que estavam me ensinando a ser mulher" (EVARISTO, [2020]). Em **Shirley Paixão**, a protagonista tem duas filhas e com seu novo casamento o marido traz para casa mais três meninas, fruto da relação anterior. A filha mais velha dele é estuprada desde pequena. Num dia de fúria, o homem ataca a menina e a mulher a

defende com uma barra de ferro, ferindo seriamente o marido. Presa por três anos, após ser libertada, consegue refazer a vida com as filhas. Seni, a menina estuprada, torna-se pediatra, mas é retraída e nunca quis ter filhos.

Angela Davis diz que o estupro, na verdade, "era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadora" (DAVIS, 2016, p. 20). Verdadeiros fatores da contemporaneidade, esses homens pretendem com seu poder controlar as mulheres, valendo-se do corpo como objeto de dominação. Às vezes, não querendo (ou não podendo) voltar-se à mulher, eles voltam-se contra si. No conto **Mirtes Aparecida da Luz**, o pai da menina que nasce pratica o suicídio sem sequer conhecer a filha. Não há explicação para seu ato, ficando as mulheres sem entenderem o que aconteceu: "Não sei o porquê da renúncia dele em continuar conosco. Não sei e nunca saberei. Não tenho respostas, só perguntas" (EVARISTO, [2020]).

Há, porém outras formas de rejeição ou agressão que atingem, por exemplo, a mulher velha ou a mulher lésbica. No conto, a história que **Adelha Santana Limoeiro** conta é a seguinte: chamada às pressas para atender seu marido, um homem já idoso, que passara mal em uma casa da vizinhança, fica sabendo que "ele passara mal em cima do corpo de uma jovem mulher" (EVARISTO, [2020]). Casada com esse homem há mais de cinquenta anos, sentira sua rejeição, por ter ficado velha, e ela mesmo o aconselhara a buscar uma mulher jovem. Como se não bastasse, ela passa a viver com ele e outras mulheres jovens, até o seu fim. O conto põe em discussão a questão da velhice, do lugar do velho e, em especial, da mulher velha. Como escreve Eurídice Figueiredo, citando Carmen da Silva, "a mulher idosa torna-se transparente" (FIGUEIREDO, 2020, p. 241), num processo que a leva à perda da identidade. O conto, porém, supera esse estigma, pois enquanto o marido perde a virilidade e, com ela, a própria vida, Adelha é consciente de sua idade e condição, querendo viver a grandeza da velhice, "sem a cruel promessa da devolução de um tempo que já

passou" (EVARISTO, [2020]), afinal "assim, a história dele terminou – não a minha" (EVARISTO, [2020]).

Outro conto que traz um tema relevante é **Isaltina Campo Belo**, ao abordar o lesbianismo. Na contemporaneidade, esse tema tem sido trabalhado na literatura brasileira. Segundo Euridice Figueiredo, ele "promove uma alternativa imaginária em contrapartida a um imaginário hegemônico heteronormativo baseado na anatomia e na diferença sexual" (FIGUEIREDO, 2020, p. 328), proporciona uma perspectiva crítica renovada. Desde pequena, Campo Belo, como gostava de ser chamada, sentia-se invadida por um certo sentimento, "uma sensação de estar fora de lugar" (EVARISTO, [2020]). Ela não cabia num corpo que se parecia com o da irmã e se diferenciava do porte de seu irmão. Mas sofria porque ninguém percebia, nem sua mãe, nem seu pai, nem os médicos que a trataram quando foi operada de uma apendicite. O tempo passou – em sua adolescência, viveu "um processo de fuga" (EVARISTO, [2020]). Já adulta, foi embora para a cidade grande, para ser enfermeira. Ali, conheceu um rapaz a quem tentou contar sobre o menino que nela morava, mas não encontra acolhida à sua história. Junto com seus colegas, o namorado a estupra: "cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo" (EVARISTO, [2020]). Isaltina engravida, tem uma filha, volta para a casa dos pais, mas nunca revelou a paternidade da criança. Mais tarde, de volta à cidade, ao matricular sua filha, conhece a sua companheira. Nesse momento, descobre que não existia um menino dentro dela, mas que uma mulher podia amar outra mulher. Quando conta sua história à narradora do livro, Isaltina já tem cerca de 60 anos e somente passados muitos anos conseguiu verbalizar a mescla de sentimentos e sofrimentos que a compuseram. Negra e lésbica, Isaltina deixa sua dupla indefinição para assumir sua identidade e sua sexualidade. É no relato que ela constrói sua identidade, assumindo suas diferenças.

A questão da identidade é o tema da narrativa de Natalina Soledad, a mulher que engendra seu próprio nome, ou melhor, a mulher que passa por um processo de autonomação. A história

é muito intrigante e diz respeito ao nome que foi concedido à menina, quando de seu nascimento. Filha de um casal que até então tivera seis filhos varões, a menina é a sétima, depois desses seis filhos homens, e não "foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe" (EVARISTO, [2020]). O pai, orgulhoso de sua masculinidade, por só ter engendrado filhos homens, ficou decepcionado com o nascimento da menina. Descendente de uma família que só gerava machos, desconfiou da honra da mulher, que lhe deu essa filha, provavelmente porque andava com outro homem, e amaldiçoou a criança, concedendo-lhe o direito ao sobrenome Silveirinha, para resguardar a honra, mas atribuiu-lhe o nome de Troçoieia, com o qual ela cresceu e ficou conhecida. Aos trinta anos, após o falecimento dos pais, ela vai ao cartório para "se despir do nome e da condição antiga" (EVARISTO, [2020]), passando a se chamar Natalina Soledad.

Dois elementos merecem ser aqui considerados: diz a narradora que ela foi se despir do nome e se despir de uma condição. Segundo Chevalier e Gheerbrant, em *Dicionário dos símbolos*, "os nomes regram não somente a harmonia física e as leis vitais, espaciais e temporais, mas também as relações com o Princípio" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 677, tradução nossa). A atribuição do nome carrega, pois, uma semântica que conecta a pessoa a certas leis do universo e ao Princípio geral, ao Todo. Ser identificada como Troçoieia, nome que o pai lhe atribui, carrega uma semântica de desvalorização, de "coisificação" e não de subjetivação. Ser chamada de "Troço" não concede a ela a identificação como pessoa e a sua valorização como ser. A mudança, que ela procede no cartório, após a morte dos progenitores, é significativa, pois a libera do pertencimento a uma família – os Silveirinha, a quem ela não se sentia conectada – e lhe concede, finalmente, o direito à identidade, o reconhecimento como sujeito. Chamar-se de "Natalina", na derivação direta da palavra "Natal", significa o seu (re)nascimento, e escolher "Soledad" expressa o seu direito de se autoneamar, com liberdade, em "solidão". Essa atitude de alterar seu nome e

assumir nova identidade vem acompanhada de duas manifestações corporais, que resumem a decisão final: perguntada sobre seu nome novo, ela respondeu ao escrivão, "com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad" (EVARISTO, [2020]). Despido seu corpo do antigo nome, ela assume o novo nome pela voz e pelo gesto, isto é, valendo-se do corpo.

Para Beatriz Nascimento, um dos principais componentes de desvantagem entre as mulheres é a sua relação com o outro sexo, pois não há "paridade sexual" entre homens e mulheres, e são relações "marcadas mais por um desejo amoroso de repartir afeto, assim como repartir o recurso material" (NASCIMENTO, 2019, p. 267). Essa dependência econômica, por vezes transformada em dependência emocional, reflete os papéis sociais sobretudo das mulheres negras, cuja vida está atrelada à relação de manutenção e de sustento da família. Nesse sentido, "essa família, grosso modo, não obedece aos padrões patriarcais, muito menos aos padrões modernos de constituição nuclear" (NASCIMENTO, 2019, p. 268). A codependência da presencialidade do homem como representativo como o "da casa", como elemento fundante do conceito de família, confere inferioridade às mulheres negras, pois as relações que os contos de Conceição Evaristo anunciam mostram de que não são "merecedoras" de afeto por parte das figuras masculinas de suas narrativas.

No entanto, as mulheres-conto de Conceição Evaristo se reconhecem a si mesmas por meio da palavra narrada, quando relatam suas agruras e violências a uma narradora que colhe histórias. É por meio dessas histórias que as mulheres-retrato se emolduram na emancipação de si e de suas experiências corporais e sensações sociais. A escritura, nesse sentido, configura peça-chave do empoderamento das insubmissas lágrimas de mulheres que, por serem insubmissas, podem contar sobre si mesmas – e se reconstruir pela dor.

Escritura

Antes de apresentar o leitor aos contos-perfis de mulheres, Conceição Evaristo indica um caminho de leitura possível, em que deixa clara a relação

entre escritura-existência que quer construir:

Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, [2020]).

Mais que o interesse pela "escrevivência" de Conceição Evaristo enquanto escritora, a intenção maior é falar sobre esse álbum de fotografias de mulheres, esses retratos narrativos, esses instantes memorialísticos que essas mulheres ousam, se permitem, desejam contar a uma outra mulher, dividindo história, contexto, memória, dor – e literatura. Manifestar a dor diante do outro é o princípio de todas elas frente ao passar a limpo de suas histórias pessoais, sofrem nessa rememoração, mas cauterizam as chagas ao longo do compartilhamento das suas trajetórias com a outra mulher, que ouve, que se (re)faz a cada história.

No conto **Mary Benedita**, a narradora indica que a mulher-título leva a ela, além do relato de sua história, os seus trabalhos artísticos: "Veja esses quadros – e sua voz me pareceu também sangrante. – São os meus melhores. São os mais de mim. E, misturando palavras e gestos, suas mãos, pele esculpida, fonte jorrante de matéria-prima de sua arte, iam me oferecendo aflitas molduras, retiradas de uma sacola de papel [...]" (EVARISTO, [2020]). É essa "fonte jorrante", a "matéria-prima", que a narradora utilizará para emancipar mulheres.

O leitor encontra, em todos os contos-relato, os "mais de mim" das mulheres-título. Há sempre uma ânsia pelo contar, mas também o impreciso de uma relação entre narrado e experiência resolvida, como se o que se viveu pudesse fazer as pazes com a mulher que agora é, e como narração, fica bem como mera história, seja ela verdadeira ou não, pois, a partir de agora é registro escrito. Nesse sentido, a formação dos perfis narrativos das mulheres-títulos dos contos dá autonomia e autoridade na existência do sofrimento, fugindo da ótica da subjugação e de um "contingente de

mulheres com identidade de objeto" (CARNEIRO, 2019, p. 313), algo socialmente imposto às mulheres – sobretudo, as negras.

Se na própria construção da obra as vozes dessas mulheres são camufladas pela necessidade de escuta e de registro de histórias, as narrativas vão se confundindo entre o narrar, o escrever e o existir a partir disso. Sejam elas sonhos, motes, verdades ou não, o que se conta a partir da experiência que "provoca a fala das pessoas" torna-se apenas motivo para poder narrar a si mesmo, suas angústias, mas como tentativa de emancipar-se da dor e do sofrimento:

Libia Moirã, das mulheres com quem conversei, foi a mais reticente em me contar algo de sua vida. Primeiro, quis saber o porquê de meu interesse em escrever histórias de mulheres e, em seguida, me sugeriu se não seria mais fácil eu inventar as minhas histórias, do que sair pelo mundo afora, provocando a fala das pessoas, para escrever tudo depois. Das provocações que Libia Moirã me fez, respondi somente à última:

- Eu invento, Libia, eu invento! Fale-me algo de você, me dê um mote, que eu invento uma história, como sendo a sua...

- Vale um sonho? Perguntou Libia. [...] (EVARISTO, [2020]).

Afinal, essas narrativas-moldura são das mulheres que dão título aos contos ou da narradora, que as transforma em palavras? Os desenhos dessas mulheres-esboço são elas, os resultados/consequências de suas realidades ou as memórias escritas que agora figuram páginas literárias?

Um importante tema toma as páginas desses relatos: uma busca e, de certa maneira, um encontro por um processo de sentido de si mesma. Patricia Hill Collins, ao analisar o poder de autodefinição da mulher negra, indica algumas respostas a essas indagações:

Audre Lorde descreve a importância que a expressão da voz individual pode ter para a autoafirmação no contexto coletivo das comunidades das mulheres negras: "É claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de autorrevelação, e isso sempre parece muito perigoso". Alguém pode escrever para um público sem nome e sem rosto, mas o ato de usar a própria voz requer um ouvinte, e assim se estabelece uma conexão. Para mulheres afro-americanas, o ouvinte mais capacitado a

romper a invisibilidade criada pela objetificação da mulher negra é outra mulher negra. Esse processo de confiança mútua pode parecer perigoso porque só mulheres negras sabem o que é ser mulher negra. Mas se não ouvirmos umas às outras, então quem irá ouvir? (COLLINS, 2019, p. 281).

Autorrevelar-se, no contexto dos contos-sujeito, resulta em existir, em poder significar o silêncio de um sofrimento na compreensão de si por meio das palavras, como o relato da irmã desaparecida, do conto **Maria do Rosário Imaculada dos Santos**:

fui juntando os pedaços do relato que eu pude escutar, em meio a uma profunda tontura. [...] A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. [...] E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre (EVARISTO, [2020]).

O compartilhamento de memórias, aquilo que Lélia Gonzalez definiu como "o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção" (GONZALEZ, 2019, p. 240), configura a relação de conexão entre as mulheres (negras) que contam e a mulher (negra) que relata. A identificação entre narrador/ouvinte e contador/experiente torna-se tema literário, escreve a si e reescreve a experiência (ambas, narradora e contadoras), seja ela, a experiência, real ou não: "a deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades..." (EVARISTO, [2020]). A partir do invento de verdades, a matéria literária torna o subjetivo palpável e a experiência vivida passa a ser história narrada. Como memória escrita, o sujeito pode se desprender da dor sofrida, da memória-dor e viver uma identidade a partir disso; longe de esquecer, as histórias dessas mulheres passam a ser construtos de uma realidade que reconhecem a dor, mas também a necessidade de passar por sobre ela e seguir adiante – seja para sobreviver, seja para calar e silenciar a dor dentro de si.

Para Patricia Hill Collins, muito foi explorado o espaço íntimo da consciência das mulheres ne-

gras por intelectuais negras dos Estados Unidos, justamente para poder expressar essas "ideias 'interiores' que permitem às mulheres negras suportar e, em muitos casos, transcender o confinamento das opressões de raça, classe, gênero e sexualidade que se interseccionam" (COLLINS, 2019, p. 273). Segundo a autora, "as vozes dessas mulheres afro-americanas não são de vítimas, mas de sobreviventes" (COLLINS, 2019, p. 273), e é na *urgência* da necessidade de se ouvir que os gritos-relatos saem:

My sister, quem tem os olhos fundos, começa a chorar cedo e madruga antes do sol para secar sozinha as lágrimas. Por isso, minha urgência em deixar o meu relato. Gosto de madrugar, de ser a primeira. Nada me garante que a espera pode me conduzir ao que quero. Na espera, temo que os dias me vazem entre os dedos (EVARISTO, [2020], grifo da autora).

Na intenção de "vir-a-ter-voz", Collins indica que "se a dominação pode ser inevitável como fato social, é improvável que ela permaneça hegemônica como uma ideologia no interior dos espaços sociais em que as mulheres negras falam com liberdade" (COLLINS, 2019, p. 276). É isso que a autoria de Conceição Evaristo faz com as histórias das mulheres. Ao colher os relatos dessas mulheres e de suas experiências necessárias, independente do papel da ficção, há o papel do protagonismo e da identidade, e,

ao fazer avançar o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros ajudam as mulheres negras a resistir à ideologia dominante disseminada não apenas fora da sociedade civil negra, mas dentro das instituições afro-americanas (COLLINS, 2019, p. 277).

Elas passam a ser "*sisters*" ao dividir suas vidas e, a partir daí, criam um *locus* de existência e de pertencimento.

Ao entender que a realidade da identidade passa pela de autodefinição, Conceição Evaristo, como uma curadora de arte, vai apresentando uma mostra artística de perfis, corpos e experiências e se assemelha ao que bem definiu Collins, pois

A identidade não é só objetivo, mas antes o ponto de partida no processo de autodefini-

ção. Nesse processo, a jornada das mulheres negras passa à compreensão de como nossas vidas pessoas têm sido fundamentalmente moldadas por opressões de raça, gênero, sexualidade e classe que se interseccionam (COLLINS, 2019, p. 294).

Apesar da dor da qual nossas irmãs negras são sujeitas, a intenção de um feminismo plural que abranja as realidades deve estar sempre em pauta. Por vezes, para nós, autoras e leitoras brancas, não é possível entender, num processo de compreensão social, o que essas mulheres contam através de suas vivências; no entanto, é por meio de narrativas como as de Conceição Evaristo que se sente o relato-dor dessas mulheres, e o papel que a literatura tem no processo, cada vez mais necessário em nossa contemporaneidade, de empatia e compaixão, de solidariedade. Como explicitou Sueli Carneiro,

A utopia que hoje perseguimos consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero (CARNEIRO, 2019, p. 320).

Como em **Mirtes Aparecida da Luz**, "Tenho, no meu corpo, a minha completude que é diferente da sua. Um corpo não é só olhos", e percebemos, nos corpos-história dessas treze mulheres que se nos oferecem em relatos, que somos palavras. Se como **Rose Dusreis**, em que "foi ainda naquele tempo que descobri que a saudade é também uma dor física" (EVARISTO, [2020]), entendemos que a dor é memória e palpável, também compreendemos, como leitoras, que "signos de presença subsistem na aparente ausência daqueles que partiram de nós" (EVARISTO, [2020]), e que os relatos, numa tentativa de não esquecer, servem para nutrir os estilhaços que a vida, em muitas ocasiões e em muitas vivências de mulheres, produzem a dor e o sofrimento de suas condições. Se todas nós esperarmos "sem pressa alguma, a hora do meu poente" (EVARISTO, [2020]), como em **Regina Anastácia**, que as palavras sejam

sempre, como os corpos-história de Conceição Evaristo, e de todas essas mulheres, insubmissas vivências e narrativas, porque lágrimas só as do reconhecimento e da sororidade, dos feminismos todos, plurais, interseccionais, que são necessários para nossas libertações.

Considerações finais

Como pretende Barbara Christian, "ser capaz de usar toda a extensão da própria voz para expressar a totalidade do ser é uma luta recorrente na tradição das [mulheres negras] escritoras" (CHRISTIAN, 1985, p. 172). Na escrita das histórias-moldura, a autoria de Conceição Evaristo coloca-se num local de reconhecimento e de criação de relatos, mas, e principalmente, de uma confraria de mulheres, machucadas por suas experiências, mas emancipadas politicamente e empoderadas pela narrativa literária que seus nomes (todos e cada um resultados do que são, do que desejaram ser e do que alcançaram conquistar) intitulam, a cada texto apresentado.

Como contos-registro, a certidão de nascimento dessas mulheres, como representantes de uma realidade que a elas correspondem por suas genealogias, heranças e interseccionalidades, o livro que o leitor tem em mãos é um simulacro de lembranças, de histórias e "parecenças"⁴ que nos assemelham, enquanto mulheres e classes sociais, porém nos ilha, como raça. É por esse motivo que as narrativas-mulheres apresentadas por Conceição Evaristo são tão necessárias e suas insubmissas lágrimas o retrato de um país desigual, de opressão e de uma realidade que ainda silencia e inferioriza muitas mulheres negras, todos os dias.

Se é pelo corpo que se estabelecem padrões estéticos entre o aceitável e o não aceitável, e padrões morais, que determinam se um comportamento também é aceitável ou não aceitável, é na produção literária que se encontram as singularidades e as heterogeneidades. A literatura, através do relato de cada mulher, expõe suas vidas, mas possibilita que elas, ao contarem essas vidas, assumam suas identidades e sua sexualidade.

São essas mulheres que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher, em que a autodefinição se torna fundamental.

Referências

- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 313-321.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris: Robert Laffont, Jupiter, 1982.
- CHRISTIAN, Barbara. *Black Feminist Criticism. Perspectives on Black Women Writers*. New York: Pergamon, 1985.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 271-310.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2020. *E-book*.
- FIGUEIREDO, Euridice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- GOMES, Nilma Lindo. *Sem perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 237-256.
- NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 265-268.
- SOARES, Carmem Lúcia. (org.). *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*. In: SOARES, Carmem Lúcia. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 251-268.

⁴ Referência a um outro livro de contos de autoria de Conceição Evaristo, *Histórias de leves enganos e parecenças*, lançado em 2020.

Amanda da Silva Oliveira

Doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil.

Maria Eunice Moreira

Doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professora titular da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Amanda da Silva Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria

Av. Roraima, 1.000, Prédio 40A, sala 2307

Camobi, 97105-900

Santa Maria, RS, Brasil

Maria Eunice Moreira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 8, sala 101

Partenon, 97010-082

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.